

Coisas da Política

Perigos de um rompimento entre Brasília e a Bahia

Há um início de incômodo nas relações entre o presidente Fernando Collor e o governador Antônio Carlos Magalhães que pede a presença de um bombeiro. É provável que, na próxima semana, o ministro Jorge Bornhausen inicie ação diplomática para afastar incômodos ruidos entre o presidente e o governador da Bahia. Há muita gente interessada em que a missão de Bornhausen dê errado para assegurar o apoio do governador do lado da oposição à política econômica do governo. Há muita intriga no ar, de outro lado, parece haver disposição dos dois lados de acabar com as divergências. Antônio Carlos garante que apenas deseja alertar o governo sobre os riscos de conviver com inflação no patamar de 20% durante muito tempo. Collor, por sua vez, quer apenas defender seu ministro da Economia de críticas ferozes em um momento delicado.

Collor e Antônio Carlos, é verdade, nunca foram íntimos. Já viveram várias crises, antes e depois das suas posses nos palácios do Planalto e de Ondina. O governador foi o crítico mais ácido do presidente no período da crise que antecedeu a reforma ministerial. E acabou saindo perante a sociedade com a imagem do homem que derrubou o Ministério. Collor não gostou desse resultado político porque, bem ao seu estilo, acha que não deve a ninguém a inspiração para desfazer e fazer ministérios. Foi tudo decisão sua, sem influências externas. Antônio Carlos jamais se vangloriou de ter derrubado o Ministério, mas levou a fama. Foi ele, afinal, que, com enorme sensibilidade política, comprou briga com o antigo Ministério inteiro ao pregar publicamente a necessidade de botá-los todos para fora do governo.

Há muita intriga de bastidores do poder em Brasília que instigam rompimento entre Collor e Antônio Carlos Magalhães. O script fica mais pesado com as recentes críticas do governador à política econômica do governo. O presidente, na última quarta-feira, mudou seu discurso na cerimônia de formatura da turma de diplomatas no Itamarati, só para incluir um parágrafo de inequívoco apoio ao ministro Marçilio Marques Moreira e defendê-lo das críticas do governador. Collor acha que a economia atravessa momento muito delicado para deixar seu ministro exposto a frituras. O presidente está convicto de que Marçilio pratica uma política correta. O combate à inflação exige muita paciência. Este, no entendimento do presidente, é o período da travessia. A austeridade monetária provoca a recessão e dá poucos resultados no combate à inflação. Só o tempo, ajudado por mudanças estruturais na economia, vai conseguir abaixar o patamar inflacionário. Collor acha que não deve pôr a perder todo o sacrifício feito até agora.

E é exatamente essa

confluência entre inflação e recessão que pode levar o governador Antônio Carlos Magalhães a tornar-se uma liderança oposicionista perigosa para o governo. Há muita gente à procura de um líder. Uma recente reunião na Comportada Confederação Nacional da Indústria descambou para a pauleira em cima do governo, a tal ponto que foi preciso que seu presidente, o senador Albano Franco, prometesse levar informalmente ao governo a insatisfação do empresariado, para evitar o pior. Se não fosse essa saída diplomática, a diretoria da CNI estava disposta a disparar um poderoso petardo contra a política econômica. Neste cenário, as declarações do governador da Bahia crescem vigorosas no campo fértil dos empresários, trabalhadores e aposentados inconformados com a austeridade imposta pela área econômica.

É por isso que o ministro Bornhausen terá que entrar em campo rapidamente para evitar o pior: o rompimento entre o presidente e o governador. O governador parece propenso ao diálogo. Ele sabe que carrega uma enorme responsabilidade política. Ele pode, se quiser, inviabilizar Marçilio Marques Moreira mas sabe que correrá o risco de levar junto a estabilidade econômica do país, isto é, gerar uma crise de imprevisíveis consequências. É por isso que, na última quinta-feira, Antônio Carlos fazia questão de ressaltar que não está disposto a romper com o presidente Collor, mas apenas a alertá-lo de que não há como a sociedade suportar por tanto tempo inflação no patamar dos 20%. "Não quero derrubar nenhum ministro, quero apenas ajudar a derrubar a inflação", disse o governador ao **JORNAL DO BRASIL**.

Antônio Carlos não acha que esteja fazendo oposição quando pede medidas contra os atuais níveis de inflação. Ele quer que o ministro Marçilio Marques Moreira abra mais seu círculo decisório, buscando contribuição de outros setores do governo e da economia. Também está disposto a ajudar o governo a aprovar a reforma tributária e o ajuste fiscal, instrumentos, na opinião do ministro Marques Moreira, indispensáveis para acabar com a inflação. Antônio Carlos acredita que o governo deveria enviar logo esses projetos para o Congresso para aprová-los antes das eleições municipais, aproveitando toda a força atual dos partidos que o apóiam. O governador parece sincero quando oferece sua contribuição para aprovar mudanças na economia. Foi com o seu apoio, afinal, que o governo conseguiu 25 preciosos votos para aprovar a nova lei do salário mínimo. Assim, a missão diplomática do ministro Bornhausen não será apenas útil para evitar desavenças entre um presidente e governador, mas para garantir a estabilidade do país.